



SOBRE OS CONCEITOS DE NATUREZA E EXPERIÊNCIA NA FILOSOFIA DA HISTÓRIA DE WALTER BENJAMIN

Josias Freire

Doutorando em História

Universidade Federal de Goiás

freire.josias@gmail.com

Resumo

O texto que se segue visa apresentar as relações entre os conceitos de natureza e experiência na obra do filósofo alemão Walter Benjamin (1892-1940). No âmbito das reflexões acerca da filosofia da história do pensador alemão, discutiremos elementos de sua obra no intuito de introduzir tais reflexões no âmbito mais amplo de sua obra tardia como filosofia peculiar da experiência e do conhecimento históricos. As reflexões acerca dos conceitos de Natureza e Experiência circunscrevem o escopo mais amplo e complexo de refletir sobre a obra *Passagens* como realização da filosofia de Walter Benjamin a partir do tripé teórico-conceitual Natureza, Técnica e História. A discussão estrutural destes conceitos visa à leitura da filosofia benjaminiana da história como *Filosofia das Passagens*: filosofia do conhecimento histórico e da modernidade, políticas da história e da memória.

Palavras-chave: Imanência, Historicidade, Técnica, Política

Abstract

The following paper aims to present the relationships between the concepts of nature and experience the work of the German philosopher Walter Benjamin (1892-1940). In the context of reflections on the philosophy of history of the German thinker, to present elements of his work in order to introduce such reflections within the broader his later work as a experience and historical knowledge philosophy. The reflections on the concepts of nature and experience encompass the broader scope and complex to reflect on the work *Passagens* like realization of philosophy of Walter Benjamin, from the theoretical and conceptual tripod Nature, History and Technique. A discussion of these structural concepts aims to reading Benjamin's philosophy of history and philosophy of Flight: philosophy of historical knowledge and modernity, political history and memory.

Keywords: Immanence, historicity, Technical, Politics

O calafrio da genuína experiência cósmica não está ligado àquele minúsculo fragmento de natureza que estamos habituados a denominar "Natureza". Nas noites de aniquilamento da última guerra, sacudiu a estrutura dos membros da humanidade um sentimento que era semelhante à felicidade do epilético. E as revoltas que se



Este breve texto visa elaborar alguns apontamentos sobre a relevância dos conceitos de Natureza e Experiência para a filosofia da história de Walter Benjamin (1890-1940). Com objetivo de discutir as características da filosofia benjaminiana da história – visando ainda sua atualização/transposição às discussões contemporâneas do campo da teoria da história – se apresentará, primeiro, as características do conceito de Natureza presente no célebre Prefácio epistêmico-crítico da década de 1920; tal conceito tomado como elemento fundamental de constituição da filosofia do conhecimento histórico presente no *Trauerspielbuch*.

No segundo momento deste texto serão discutidas algumas características do conceito de Experiência apresentado a partir das reflexões sobre história de sua obra sobre o drama barroco alemão (1928). As reflexões acerca dos conceitos de Natureza e Experiência circunscrevem o escopo mais amplo e complexo de refletir sobre a obra *Passagens* como realização da filosofia de Walter Benjamin a partir do tripé teórico-conceitual Natureza, Técnica e História. A discussão estrutural destes conceitos visa à leitura da filosofia benjaminiana da história como *Filosofia das Passagens*: filosofia do conhecimento histórico e da modernidade, políticas da história e da memória.

Nossos comentários se agrupam em três momentos: Primeiro apresentaremos uma breve introdução teórica ao conceito de história de Walter Benjamin, a partir de algumas apontamentos, primeiro sobre o tema de sua célebre carta à Florens Christian Rang, e depois, por uma sucinta revisão da influência que o conceito de fenômeno originário de Goethe exerceu sobre a *Ursprung* benjaminiana.

Após esta breve e didática introdução à categoria da origem passaremos à reflexão sobre suas especificidades e sua complexidade inerente. A cerrada terminologia benjaminiana, a complexidade e o caráter evidentemente hermético de seu pensamento se cristalizam também na categoria da origem, mais uma vez, a literalidade do texto original e de suas traduções serão, bem como participação dos profícuos comentadores, nossos pontos de apego.

Por fim apresentaremos a categoria origem como elemento constituinte do conceito de história de Walter Benjamin de acordo com sua filosofia da linguagem.

No interior de nossa leitura do Prefácio categoria da origem, além de ser o elemento central desse texto, deve aparecer como cerne de nosso trabalho. Nosso objetivo de apresentar a origem do conceito de história de Walter Benjamin na e através de sua filosofia da linguagem se legitima pelo fato de que o conceito de história do filósofo “ganhar seu lugar” (MACHADO, 2004, p. 85) nas discussões da epistemologia benjaminiana e, mais: passa a ocupar um lugar central no interior da unidade típica de sua filosofia.

A categoria da origem corresponde à manifestação histórica da Ideia e ao mesmo tempo a própria Ideia, visto que ela é enquanto apresentação de si. Pelo menos dois elementos ainda conferem à categoria da origem uma importância especial no interior da filosofia da linguagem e no

conceito de história de Benjamin. Primeiro, por ser a possibilidade: a origem é algo de linguístico – ela corresponde à atenção às especificidades da linguagem como o projeto da filosofia da linguagem de Benjamin. Segundo, por ser o desdobramento: a origem corresponde à peculiaridade do conceito de história de Benjamin.

Nas linhas que se seguem, após a breve introdução-revisão da construção conceitual da categoria da origem, percorreremos estes três momentos que marcam a apresentação do conceito de origem no Prefácio: sua definição-estrutura no interior da epistemologia crítica, sua abertura como categoria linguística e seu desdobramento como categoria histórica.

A categoria da origem é claramente uma transposição estrita e obrigatória [*eine strenge und zwingende Übertragung*] do conceito de fenômeno originário de Goethe para os domínios da história [*Bereich der Geschichte*] (BENJAMIN, 1982, p. 577) [N 2a, 4]. O recurso será comentar apenas o significado da transposição benjaminiana.

De acordo com J. M. Gagnebin “[...] o protofenômeno de Goethe tenta pensar a unidade de uma ‘lei intemporal’ e de sua ‘visibilidade temporal’; esta coincidência interna, segundo Benjamin, constitui o histórico no sentido pleno do termo” (GAGNEBIN, 1993, p. 12). O fenômeno originário das especulações de Goethe era a tentativa de estabelecer o conceito de ciência como arte aposta como epígrafe na frente do Prefácio: em cada “objeto estudado” o investigador deveria buscar a “totalidade universal” (GOETHE, apud, BENJAMIN, 1984, p. 49); e ainda: tal totalidade seria encontrada e não deduzida. A “historicização da ontologia” (HANSSEN, 1995, p. 826), a materialização do platonismo, a possibilidade de perguntar pelo Ser no e a partir da imanência, presente na categoria da origem, mostra-se assim na mesma direção – mas não o mesmo caminho – das especulações goethianas. Mas no caso da *Ursprung*, seu caráter histórico – a definição de seu lugar – é manifesto. Na concisa e completa definição de Buck-Morss:

“Benjamin tinha tomado o termo ur-fenômeno dos escritos de Goethe sobre a morfologia da natureza. Goethe observava que, enquanto na ciência física ou química o objeto de conhecimento era uma abstração cognitiva constituída pelo sujeito, na ciência biológica ele era imediatamente percebido no ato de ‘observação irreduzível’. As leis objetivas e as regularidades dos organismos vivos eram graficamente visíveis em suas formas estruturais. Goethe acreditava que as ur-formas arquetípicas dessas estruturas revelavam a essência da vida biológica, e mais ainda, que elas existiam empiricamente, como uma planta ou um animal entre os outros, evidenciando materializações concretas das ideias platônicas” (BUCK-MORSS, 2002, p. 102).

As “materializações concretas” das Ideias não teriam uma forma natural – não no conceito de natureza de Goethe (BENJAMIN, 1999, p. 117) –, mas histórica, e a categoria da origem apresenta tal manifestação.

Na célebre carta ao amigo Florens Christian Rang (09/12/1923) Walter Benjamin estabeleceu uma importante ligação entre a temática de seu ensaio sobre a tarefa-renúncia do tradutor, o ensaio sobre as Afinidades eletivas e sua teoria do conhecimento (HANSSEN, 2000, p. 26). Tal conexão – que será retomada no Prefácio em caráter mais amplo – nasce pela diferenciação entre a história da arte e a história das obras de arte: a história essencial se difere da história “extensiva” (MURICY, 1998, p. 140). Na tradução de Kátia Muricy:

“Uma interpretação, na verdade, faz jorrar conexões que são atemporais, sem serem por isso desprovidas de importância histórica. As mesmas ‘potências’ que o universo da revelação (isto é, o da história) se fazem temporais sob o modo extensivo e explosivo, surgem no universo do mistério (é o da natureza das obras de arte) sob o modo intensivo [...] as ideias são estrelas no oposto do sol da revelação” (BENJAMIN, apud, MURICY, 1998, p. 141).

O caráter de história das obras – a temporalidade “intensiva” que sua essência preserva – corresponde à sobrevida das obras. A interpretação objetiva, atemporal da obra de arte reside em sua essência, em sua Ideia, e se opõe à temporalidade extensiva – mas revela “importantes conexões históricas” – estruturais, da continuidade histórica, tal como o mundo profano experimenta. O mundo histórico da revelação toca o “universo do mistério”, a (ainda) a-historicidade peculiar das essências explosivamente, para revelar a importância histórica deste tanger: estabelecer (estabilizar) a história na Ideia, o vir-a-ser - no Ser. Tal como a tarefa-renúncia do tradutor reconhecer a instabilidade primeira da linguagem, ou tal como no ensaio crítico às Afinidades Eletivas interromper a aparência de falsa totalidade, a configuração da temporalidade extensa em Interpretação se dá pela explosão. “A crítica é a mortificação das obras” (BENJAMIN, apud, MURICY, 1998, p. 142), ainda escreve Benjamin ao seu amigo. Mas fica evidente que a Interpretação a-histórica possui uma “importância histórica”: é em favor de outra história que (por um instante talvez) a história deva se interromper.

Veremos como tais considerações possuem certa relevância no contexto do Prefácio – e como elas podem ser entendidas como introdução às discussões ulteriores. Passemos à uma análise mais cautelosa das considerações acerca da origem presentes no Prefácio epistêmico-crítico.

Walter Benjamin em primeiro lugar define a categoria origem [*Ursprung*] como histórica e a distingue da gênese [*Entstehung*]: “O termo origem não designa o vir-a-ser daquilo que se origina, e sim algo que emerge do vir-a-ser e da extinção” [*Im Ursprung wird kein Werden des Entsprungenen, vielmehr dem Werden und Vergehen Entspringendes gemeint*] (BENJAMIN, 1984, p. 67; 1991, p. 226). Tal como um “torvelinho” [*Strudel*], a origem “arrasta o material produzido pela gênese” (BENJAMIN, 1984, p. 67-68).

O “ritmo” [*Rhythmik*] do originário se apresenta como “restauração e reprodução” [*als Restauration, als Wiederherstellung*], mas por isso mesmo como “incompleto e inacabado” [*Unvollendetes, Unabgeschlossenes*] (BENJAMIN, 1984, p. 68; 1991, p. 226). O ritmo da categoria da origem revela a tradução do ideal no histórico e do histórico no Idea pela possibilidade de sua “coexistência significativa”. De acordo com Seligmann-Silva:

“[...] Benjamin descreve o fenômeno de origem como uma estruturação que comporta na sua relação com as suas diversas conformações no tempo uma dupla perspectiva: uma enfatiza a relação com a história – restauração – e a outra que a marca como algo não fechado – não concluído no seu devir” (SELIGAMM-SILVA, 1999, p. 140).

A categoria origem é a confrontação da ideia com o mundo histórico, onde ela atinge a “plenitude na totalidade de sua história” (BENJAMIN, 1984, p. 68; 1991, p. 226): na dialética imanente à origem revela-se o condicionamento mútuo entre “único e recorrente” (BENJAMIN, 1984, p. 68; 1991, p. 226). O idealismo, de Platão ao de Hegel, volta-se às essências e suas relações, não as suas manifestações “no mundo dos fatos”. A categoria da origem que marca o limite do platonismo benjaminiano: a salvação platônica das ideias [*platonische 'Rettung'*] começa pelos fatos e termina no que, na manifestação da ideia, tangencia o histórico.

A origem exige a prova de sua autenticidade: a origem é a manifestação da ideia na história, a absorção pela ideia das “manifestações históricas”. Nas palavras de Beatrice Hansen: “Benjamin localiza a marca da autenticidade [*Echtheit*] no fenômeno” (HANSEN, 2000, p. 45): apenas o duplo movimento de manifestação histórica das ideias e de salvação dos fenômenos os marca com o selo da autenticidade, podem ser reconhecidos como originários. O particular incluído pela ideia [*steht es in der Idee*] passa a ser “totalidade” [*Totalität*] (BENJAMIN, 1984, p. 69; 1991, p. 227). A estrutura da ideia configurada na origem – a tensão entre isolamento “inalienável” e “totalidade” – é “monadológica”. “A ideia é mônada” [*Die Idee ist Monade*] (BENJAMIN, 1984, p. 69; 1991, p. 228). De acordo com o professor Francisco Machado: “No conceito de origem, Benjamin parece transformar monadologicamente a história das coisas no tempo em histórica congelada dentro da ideia”

(MACHADO, 2004, p. 92). Na mônada reside a interpretação objetiva dos fenômenos, o histórico encerrado na “essência” ou na “natureza” dos fenômenos torna a história natural – “não humana, não-humanista” (HANSEN, 1995, p. 817) – a interpretação de objeto dos fenômenos, reconhecendo a não supremacia dos homens sobre a linguagem, bem como sobre os objetos. A pré e pós-história como sobrevida, sobrevivência, não a desvincula da *Naturgeschichte* analisada ao longo do *Trauerspielbuch* – ao contrário, relaciona-se com ela essencialmente (HANSEN, 1995, p. 812); ainda nas palavras de Francisco Machado:

“O significado de história natural (Naturgeschichte) abrange também as ciências naturais descritivas, como a botânica, a paleontologia e a sua prática de colecionar e desenhar descritivamente objetos. Finalmente o termo história é usado para coleções ou museus, como, por exemplo, museu de história natural” (MACHADO, 2004, p. 91-92).

A sobrevida como não mais aquela vida, como a direção à uma atmosfera mais elevada, sabidamente menos propícia à vida [*in welchem es freilich nicht auf die Dauer zu leben vermag*] (BENJAMIN, 2001, p. 201), mas que faz referência àquele “âmbito” fundamental – e fundamentalmente perdido. As imagens dos museus, especialmente as imagens das salas de taxidermia, são bastante propícias no que se referem àquele âmbito. A história se petrifica – no instante da origem, da atemporalidade da Ideia – e é destituída de articulação meramente cronológica (MACHADO, 2004, p. 91).

A ideia como mônada apresenta uma “imagem abreviada” do mundo, a exposição da ideia corresponde a “nada menos que a descrição dessa imagem” (BENJAMIN, 1984, p. 70; 1991, p. 228). A imersão no real que a exposição da ideia configurada pela origem exige justifica-se pois pelo caráter monádico da Ideia: ao tocar a imanência dos fenômenos via despedaçamento, ela interpreta objetivamente – no curto-circuito metodológico – o real.

A ideia como mônada ressalta dessa forma o aspecto de totalidade da verdade manifesta, mas ao mesmo tempo a peculiaridade desta totalidade, nas palavras de Márcio Seligmann-Silva: “O eterno não se confunde com a Ideia, porque esta existe apenas enquanto mergulhada na história”, bem como a historicidade é repatriada na Ideia; Seligmann-Silva continua: “o eterno é apenas uma dobra epifenômica [...]” (SELIGMANN-SILVA, 1999, p. 131) oposto ao céu temos a história e o que nela é transitoriedade.

A Ideia que desce do “céu Inteligível” ao mundo dos fatos brutos, mesmo que por um instante, como a estrela que cai, manifesta de forma significativa a “coexistência” dos contrastes, dos extremos ou dos “aparentes excessos do processo de desenvolvimento” do particular incluído sob o conceito

para que, incluído sob a Ideia, possa se tornar totalidade. A totalidade que a representação da Ideia – sua configuração enquanto reunião dos extremos – permite a emergência reúne a história do fenômeno:

“A representação [Darstellung] de uma idéia não pode de maneira alguma ser vista como bem-sucedida, enquanto o ciclo dos extremos nela possíveis não for virtualmente percorrido. Virtualmente, porque o que está abrangido pela ideia da origem tem na história apenas um conteúdo [Gehalt], e não mais um acontecer [Geschehn] que pudesse afetá-lo” (BENJAMIN, 1984, p. 69; 1991, p. 227).

A totalidade que a manifestação histórica, do conteúdo histórico da Ideia – e simultaneamente da verdade histórica – como algo de “essencial” permite conhecer a “pré” e a “pós-história” [Vor e Nachgeschichte] “de tais essências”, de forma inautêntica – “pragmaticamente” ineficaz – como história natural [natürliche Geschichte]: “A vida das obras e formas, que somente com esta proteção pode-se desdobrar com clareza, não contaminada pela vida dos homens, é uma vida natural” (BENJAMIN, 1984, p. 69; 1991, p. 227):

“Uma vez observado o Ser redimido na idéia [gerettete Sein in der Idee festgestellt], a presença da história virtual inautêntica – pré e pós-história – permanece virtual. Ela não é mais pragmaticamente eficaz, mas precisa ser lida, como história natural, em sua condição perfeita e estática, na essência. Com isso, redefine-se, no antigo sentido, a tendência de toda conceptualização filosófica: observar o vir-a-ser dos fenômenos em seu Ser” [das Werden der Phänomene festzustellen in ihrem Sein] (BENJAMIN, 1984, p. 69; 1991, p. 227-228).

A pré e a pós-história eleva a transitoriedade – virtualmente – ao reino das Ideias, para ressaltar o elemento histórico delas: o que nela aparece. A ideia de mônada revela o método de apresentação da verdade como desvio em direção à imanência: “Origem [...] e mônada: trata-se sempre da mesma idéia de totalização a partir do próprio objeto e nele [...]” (GAGNEBIN, 1999, p. 11). A Ideia como mônada apresenta a relação entre singularidade e repetição de forma não-excludente (HANSSEN, 2000, p. 43): a “dialética imanente à origem” exige a “renúncia à intenção” e o “movimento contínuo” (BENJAMIN, 1984, p. 50), parar e recomeçar, sempre de novo. Singularidade e

repetição já não mais se excluem pela dialética entre “universo da revelação” e o “universo do mistério”, entre historicidade “extensiva” e “intensiva” se reúnem – se tocam “sob um modo explosivo” (BENJAMIN, apud, MURICY, 1998, p. 141) – na imagem abreviada do mundo que a mônada conserva dentro de si.

As noções do essencial como pré e pós-história remontam a ideia de continuação da vida na linguagem e das obras, presente no prefácio-ensaio A Tarefa-renúncia do Tradutor e no ensaio sobre As afinidades eletivas – como o próprio Benjamin elucida em uma nota (BENJAMIN, 1984, p. 69, nota 14); como o “dever das próprias línguas” (BENJAMIN, 2001, p. 209) ou “o enigma daquilo que está vivo” sob as cinzas da fogueira que arde e representa a “obra em expansão” (BENJAMIN, 2009, p. 14) a absorção da “série das manifestações históricas” pela ideia (BENJAMIN, 1984, p. 68), o desdobramento “da vida das obras e formas” (BENJAMIN, 1984, p. 69) apresentam a Idéia estruturada entre “isolamento inalienável e a totalidade” como mônada e tem na categoria da origem sua realização, sua efetivação: relacionando-se com a pré e a pós-história dos fatos “o único e o recorrente se condicionam mutuamente” (BENJAMIN, 1984, p. 68) em “uma construção histórica da filosofia” e “uma reconstrução filosófica da história” (BUCK-MORSS, 2002, p. 84) a Idéia se expõe na descontinuidade histórica; a transitoriedade mundana se paralisa [feststellen] na Idéia, não em favor de uma harmonia – que tomaria a origem por retorno – mas pelo reconhecimento de que a origem destrói a aparência – para melhor recolher o fragmentado – e tem como ritmo a restauração [Restauration] e o inacabamento [Unabgeschlossenes] da história, como reconhecimento que essa é também, uma forma de rememoração. Ainda nas palavras de Beatrice Hanssen:

“A vida natural ou a história natural das obras de arte reside salva e aparentemente estabilizada, paralisada [to set at standstill, no original] (festgestellt) na Idéia ou na essência do fenômeno. [...] Na medida que a história estava encerrada na essência ou na ‘natureza’ das Idéias, história natural também significa a ‘dinamização’ histórica das intransigentes Idéias ou essências” (HANSSEN, 2000, p. 47).

A noção benjaminiana de ideia enquanto mônada revela o sentido da história virtual, inautêntica (pré e pós-história) para história humana. Qualquer que for o sentido, ele é revelado pelo torvelinho que arrasta o curso histórico em direção ao Ser, e o “mergulha” na história. A crítica benjaminiana do conhecimento histórico tem a origem na sua filosofia da linguagem: enquanto na noção tradicional de história a transitoriedade histórica e a intransigência divina (que a governa) se excluem (HANSSEN, 2000, p. 44) determinada concepção de história é marcada pela manifestação

não apenas dos desígnios, mas da própria ordem do imponderável – evidentemente, na parte que cabe a ela – na história humana .

A origem enquanto categoria histórica, enquanto salto originário, ou fissura ou explosão [Ur-Spr-ung] permite determinar, configurar [fest-zu-stell-en] o vir-a-ser no Ser, o histórico na Ideia. Seguindo Francisco Machado: “A ideia surge na história como uma forma, que tem uma estrutura atemporal” (MACHADO, 2004, p. 100), isto é, a ideia contém “os limites de seu próprio desdobramento” (SELIGMANN-SILVA, 1999, p. 141).

Mas qual é elemento mediador, o meio que permite a reflexão, o reconhecimento do condicionamento do único e do recorrente, da restauração e do inacabamento, que permite o pensar na história e na Ideia? Antes, mais uma observação sobre o modo de ser da Ideia, um elemento que até agora foi protelado.

Vimos ao longo da primeira seção de nosso capítulo que a verdade e o saber não coincidem, pois o método do conhecimento é a apreensão, enquanto a verdade se manifesta na exposição – e como forma, exposição e Ideia coincidem - da Ideia, exposição enquanto manifestação inerente ao Ser da verdade. Através da lembrança original da não coincidência da verdade e do saber Walter Benjamin desenvolve um dos elementos mais importantes de sua epistemologia crítica, e pela possibilidade deste elemento unificar e nortear nossas discussões, preferimos discutir a categoria da origem antes e, só agora, voltarmos a tal elemento. Tal não coincidência tem duas matrizes, os conteúdos daquela lembrança original: a filosofia platônica e a filosofia da teoria da linguagem de origem judaica

A não coincidência entre verdade e saber é também apresentada por Walter Benjamin pela afirmação de que as Ideias não podem ser objetos de nenhum tipo de intuição, nem empírica nem intelectual: “A essência das ideias não pode ser pensada como objeto de nenhum tipo de intuição [Anschauung], nem mesmo da intelectual” (BENJAMIN, 1984, p. 58; 1991, p. 215).

O conceito de “visão” [Schau] exemplifica uma distorção esotérica das filosofias que almejam tomar a verdade por acessível por meio de qualquer tipo de intuição. Nem mesmo a intelectual – “a versão mais paradoxal” das visões – pode aceder à esfera da verdade posto que ela escapa à qualquer intenção [Intention]. Nas palavras de Benjamin:

“A verdade não entra nunca em nenhuma relação [Relation], e muito menos em uma relação intencional. O objeto do saber, enquanto determinado pela intencionalidade do conceito, não é a verdade. A verdade é uma essência não intencional, formada por idéias. O procedimento próprio à verdade não é portanto uma intenção voltada para o saber [nicht ein Meinen im Erkennen], mas uma absorção total nela, e uma dissolução [sondern ein in sie Eingehen]

und Verschwinden]. A verdade é a morte da intenção [*Die Wahrheit ist der Tod der Intention*]” (BENJAMIN, 1984, p. 58; 1991, p. 216).

Como já vimos, por pertencerem a “uma esfera fundamentalmente distinta daquela que estão os objetos que ela apreende” as ideias elas não são os conceitos nem as leis dos fenômenos; “as ideias se relacionam com as coisas como as constelações com as estrelas” (BENJAMIN, 1984, p. 56), por isso o “Ser da verdade é distinto do modo de ser das aparências” (BENJAMIN, 1984, p. 56). Ainda seguindo Benjamin:

“A estrutura da verdade requer uma essência que pela ausência de intenção [Intentionslosigkeit] se assemelhe à das coisas, mas lhe é superior pela permanência. A verdade não é uma intenção, que encontrasse sua determinação através da empiria, e sim a força que determina a essência de empiria. O ser livre de qualquer fenomenalidade, no qual reside exclusivamente esta força [Gewalt], é a do Nome” (BENJAMIN, 1984, p. 58; 1991, p. 216)

A verdade é a força que determina a empiria – “as relações de afinidades mútuas”, e tal força reside no ser do nome: naquilo que na linguagem é radicalmente distinto de qualquer intenção, e que ressalta o quão distante – e ao mesmo tempo, essencial – está a verdade manifesta na facticidade, a verdade histórica. O caráter não-intencional da verdade, portanto sua não coincidência com o saber, sua descontinuidade em relação à demonstração ou à indução acrítica, manifesta-se na força “livre de qualquer fenomenalidade”. O Nome não transmite nenhum conteúdo, não exige nem a reflexão nem o juízo: o nome é linguagem pura, uma centelha da reine Sprache, pois o homem não possui o poder nomeador, de chamar as coisas pelo nome e traduzir a mudez da natureza em criação. Se a exposição da verdade é a tarefa de restaurar o caráter “simbólico da palavra”, ela só pode ser enquanto reminiscência, que como bem sabemos, só existe enquanto incompletude, ou, como Aufgabe/aufgeben.

Benjamin retoma então, em um tom mais profano, as ideias do ensaio Sobre a Linguagem em Geral e Sobre a Linguagem Humana: “A ideia é algo de linguístico, o elemento simbólico presente na essência da palavra” (BENJAMIN, 1984, p. 58-59). A *anamnesis* (ἀνάμνησις) benjaminiana não é Ideal, mas linguística (HANSEN, 2000, p. 40), da linguagem [*Die Idee ist ein Sprachliche*] (BENJAMIN, 1991, p. 216); temos uma transposição [*Übertragung*] – não apenas do fenômeno

originário de Goethe – mas da anamnese platônica à esfera da história, transposição cujo meio é a filosofia da linguagem de Walter Benjamin.

A verdade como “morte da intenção”, o caráter linguístico, portanto histórico, do pensamento, ao reunir a filosofia da linguagem em uma epistemologia crítica tanto amplia o esfera da reflexão filosófica (em direção ao histórico) quando do conceito de história (no que tange à uma verdade que não seja causal nem abstração à custa do histórico). Nas palavras de Seligmann-Silva:

“O conceito de Idéia de Benjamin, enquanto Nome, apresenta, portanto, uma das concretizações do seu programa da filosofia futura de 1917-18, já que [...] Benjamin indicara nesse texto a linguagem como o único meio de se poder corrigir a concepção kantiana de experiência e conhecimento. A linguagem supera”, o conceito de linguagem de Benjamin, “aquela concepção tradicional, vale lembrar, justamente porque ela incorpora ao lado de seu elemento simbólico o comunicativo, isto é, uma instância histórica.” (SELIGMANN-SILVA, 1999, p. 136, nota 134).

A epistemologia-crítica de Walter Benjamin – ao nascer de uma filosofia da linguagem que se distancia de uma perspectiva meramente instrumental ou mística – transforma e traz para o cerne de seu pensamento seu peculiar conceito de história: “a verdade na esfera lingüística colocou ao mesmo tempo um outro momento no primeiro plano: a história” (STEINER, apud, SELIGMANN-SILVA, 1999, p. 136, nota 133).

A categoria da origem delimita apresenta o cerne da concepção benjaminiana de história, a teoria acerca da qual construir sua filosofia da história. Nas palavras de Susan Buck-Morss:

Construir “uma filosofia extraída da história [...] reconstruir o material histórico como filosofia. [...] Uma representação concreta e gráfica da verdade, em que as imagens históricas tornam visíveis as idéias filosóficas. Nelas, a história atravessava o coração da verdade sem proporcionar um marco totalizador. Benjamin entendeu estas idéias como ‘descontínuas’. Como resultado, os mesmos elementos conceituais aparecem em várias imagens, em configurações tão variadas que seu significado não pode ser fixado em abstrato. [...] uma construção histórica da filosofia que seja simultaneamente [...] uma reconstrução filosófica da história, onde os elementos ideacionais de filosofia se expressem como significados cambiantes dentro de imagens históricas que, em si mesmas, são descontínuas [...]” (BUCK-MORSS, 2002, p. 84).



O ritmo da “não-identidade”, da “abertura” do “inacabamento constitutivo” do passado é conferido à categoria da benjaminiana da origem pela filosofia da linguagem que a constitui. A origem no fluxo do vir-a-ser manifesta na história, como a linguagem na tradução ou a vida das obras na crítica, o pertencimento essencial entre linguagem e pensamento: seu caráter histórico.

Anais do IV SRH

Referências

BENJAMIN, Walter. *As afinidades Eletivas de Goethe*. In: BENJAMIN, Walter. *Ensaio Reunidos: Escritos Sobre Goethe*. Tradução de Mônica Krausz Bornebusch, Irene Aron e Sidney Camargo; supervisão e notas de Marcus Vinicius Mazzari. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2009.

_____. *A Tarefa – Renúncia do Tradutor*. In: HEIDERMAN, Werner (org). *Clássicos da Teoria da Tradução*. Antologia bilíngüe. Tradução de Susana Kampff Lages. Volume I. Alemão-Português. Florianópolis: UFSC, Núcleo de Tradução, 2001.

_____. *Ursprung des deutschen Trauerspiels*. In: BENJAMIN, Walter. *Gesammelte Schriften*, I (parte 1). Abhandlungen. Publicação de Rolf Tiedemann e Hermann Schweppenhäuser, participação de T. W. Adorno e Gershom Scholem. Frankfurt a. M.: Suhrkamp Verlag, 1991.

_____. *O conceito de crítica de arte no Romantismo alemão*. Tradução, introdução e notas de Márcio Seligmann-Silva. São Paulo: Editoras Iluminuras, 1999.

_____. *Origem do drama barroco alemão*. Tradução, apresentação e notas de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

_____. *Das Passagen-Werk*. *Gesammelte Schriften*, V (parte 1). Editado por Rolf Tiedemann. Frankfurt a. M.: Suhrkamp Verlag, 1982.

BUCK-MORSS, Susan. *Dialética do Olhar: Walter Benjamin e o projeto das Passagens*. Tradução de Ana Luiza de Andrade, revisão de David Lopes da Silva. Belo Horizonte: Editora UFMG; Chapecó/SC: Editora Universitária Argos, 2002.

GAGNEBIN, J. M. *El Original Y El Outro*. In: MASSUH, Gabriela, FEHRMANN, Silvia (org.). *Sobre Walter Benjamin. Vanguardias, historias, estética, y literature. Uma vision latinoamericana*. Buenos Aires: Alianza Editorial, Goethe-Institut, 1993. (pp. 23-36)

HANSEN, Beatrice. *Walter Benjamin's other history: of Stones, animals, human beings, and angels*. Berkeley e Los Angeles: University of California Press, 2000.

_____. *Philosophy at Its Origin: Walter Benjamin's Prologue to Ursprung des deutschen Trauerspiels*. MLN, vol. 110, nº 4, Comparative Literature Issue, 1995. (pp. 809-833). Disponível em: <
<http://links.jstor.org/sici?sici=0026-7910%28199509%29110%3A4%3C809%3APAIOWB%3E2.0.CO%3B2-T> > Consultado em
18/01/2009.

MACHADO, Francisco de Ambrosis Pinheiro. *Imanência e história: a crítica do conhecimento em Walter Benjamin*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

MURICY, Kátia. *Alegorias da Dialética*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1998.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. *Ler o Livro do Mundo: Walter Benjamin, Romantismo e Crítica Poética*. São Paulo: Editora Iluminuras, 1999.

Anais do IV SRH